

**PORTUGAL, A JANGADA E A ILHA:
PRENÚNCIO DE MOVIMENTAÇÃO E DIÁLOGOS INTERCULTURAIIS**

Gislene Teixeira Coelho (IF SUDESTE MG)

Resumo: Este trabalho centra suas discussões na representação do deslocamento peninsular fabulado nas páginas de *A jangada de pedra*, de José Saramago, em que Portugal e Espanha se separam de todo o resto do continente europeu e se dirigem para as costas da América e África. Essa transformação geográfica sugere a criação de um espaço de reflexão em que rearticulações políticas, identitárias e culturais se impõem no contexto português. Outrossim, discutir-se-á como o conceito nação-monumento, tão ricamente aplicado a Portugal e produtivo na elaboração da identidade nacional portuguesa e europeia, pode ser provocado pela obra em tela, de modo que noções como nação e identidade nacional passam por um processo profundo de revisão no momento em que o Portugal-ilha passa a flutuar errante pelos mares. Instigado por um “grande sopro”. O romance de 1986 expressa um profundo mal-estar antes e depois da movimentação da Península, não claramente identificado e nomeado pelos personagens do livro, imprimindo no texto indícios de que novos tempos viriam, quando uma crise europeia tomaria corpo décadas mais tarde e quando, sobretudo, uma crise dos valores, ideologias e política da Europa colonial ganharia maior relevo, impulsionando e sendo impulsionada por estudiosos e obras que se articulam em torno de uma política de resistência e, mais recentemente, em torno de uma política intercultural. À luz do desnudamento dos resquícios coloniais, opera-se a favor do desnaturalização e da desarticulação de uma herança que se corporifica, até os dias de hoje, em relações e participações desiguais, estacionadas sob a sombra do etnocentrismo.

Palavras-chave: Deslocamento. Política intercultural. Herança colonial. Descentramento.

Quando se propõe a discutir identidade das nações modernas, destacando o caso português, a partir de sua conjunção com as experiências de deslocamento, duas zonas de contato são trazidas à tona: o além-mar e o porto. Explorando seus significados metafóricos recorrentemente visitados e aludidos, podemos lembrar que o além-mar é a saída, o contato com o resto do mundo, o forâneo, lugar do viajante e da nau, já o porto indica a chegada, a permanência, o dentro, lugar da memória e da narrativa. Assim, enquanto o primeiro suscita instabilidade, flexibilidade, imprevisibilidade e estranhamento, o segundo, segurança, familiaridade, conforto e estabilidade. Embora sejam aparentemente representações dicotômicas, ver-se-á, a partir da leitura de A

jangada de pedra, como esses elementos transitam entre si, até mesmo como uma forma de corrigir os problemas e as carências inerentes a cada uma dessas experiências, de sorte que se somam para criar uma única narrativa entre o mar e o porto, a errância e a fixidez, o fora e o dentro, o estranho e o familiar, os outros e o nós.

O título do romance de Saramago – *A jangada de pedra* – sugere uma leitura dupla, pois tal jangada pode ser tomada como referência à Península Ibérica, “imenso barco” (SARAMAGO, s/d, p. 131) que navega sobre as águas do Atlântico, ou à jangada de pedra que se encontra encalhada na costa marítima portuguesa. Citar-se-ão abaixo duas passagens que registram, na sequência, a transformação da península em barco e o primeiro contato de Pedro Orse e seu cão com o barco de pedra:

Então, a Península Ibérica moveu-se um pouco mais, um metro, dois metros, a experimentar as forças. As cordas que serviam de testemunhos, lançadas de bordo a bordo, tal qual os bombeiros fazem nas paredes que apresentam rachas e ameaçam desabar, rebentaram como simples cordéis, algumas mais sólidas arrancaram pela raiz as árvores e os postes a que estavam atadas. Houve depois uma pausa, sentiu-se passar nos ares um grande sopro, como a primeira respiração profunda de quem acorda, e a massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com a sua gente e os seus animais começou a mover-se, barca que se afasta do porto e aponta ao mar outra vez desconhecido. (SARAMAGO, s/d, p. 43)

(...) e quando chegou viu que não eram mais que pedras entre pedras, mas, não sendo este animal cão de enganar-se, alguma coisa ali haveria de singular, foi então que reparou que os seus próprios pés assentavam sobre ela, a coisa, uma pedra enorme, com a forma tosca de um arco, e ali outra, comprida e estreita como um mastro, e outra ainda, esta seria o leme com o seu timão, ainda que partido. Credo que a pouquíssima luz o enganava foi dando a volta às pedras, tateando e apalpando, e assim deixou de ter dúvidas, este lado, alto e aguçado, é a proa, este outro, rombo, a popa, o mastro inconfundível e o leme só poderia ser, por exemplo, espadela de gigante se isto não fosse, verdadeiramente, onde está, um barco de pedra. (SARAMAGO, s/d, p. 183)

No primeiro trecho, a transformação pode ser observada no emprego dos vocábulos “Península Ibérica”, “massa de pedra e terra” e “barca”. Importante ainda destacar que o movimento da barca sucede um sopro que parece acordar toda a massa antes inerte. A palavra sopro, muito utilizada na literatura para se referir ao nascimento e à regeneração e frequentemente utilizada como sopro de vida, atribui uma ação humana ao imenso bloco de terra. Tal personificação promete ser o afastamento do

continente europeu o início de um processo de transformação e renascimento para a península. Repara-se, no segundo excerto, a alusão a uma série de componentes de um barco, como a proa, o leme, o mastro, que, diferentemente da barca em movimento, encontram-se desacordados e paralisados no tempo e no espaço.

Portanto, ao comparar as duas representações da jangada, pode-se estabelecer um elo entre os dois objetos (o errante e o fixo) com as associações já referendadas sobre o além-mar e o porto. Como representações alegóricas, a jangada encalhada pode ser aproximada a tudo que é ou deseja ser sólido, permanente e estável, ao contrário da jangada errante, que sugere uma ligação com o que é ou deseja ser maleável, incerto e fluido. Busca-se nessas duas jangadas uma aproximação de seus significados simbólicos com a questão identitária das nações modernas que vem se formando e transformando ao longo dos séculos no encontro entre o além-mar e o porto. Portanto, as jangadas servem como instrumento crítico para se pensar a formação das identidades de países como Portugal e Espanha, como também sugerem reflexões que podem ser estendidas a outras nações modernas que vivenciaram processos de formação similares.

Contribui para essa reflexão o trabalho de Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, em que tece uma leitura crítica acerca de uma suposta identidade europeia que pretensamente se embasa no ideal da essência. O estudioso mostra que a identidade como essência nunca existiu, de modo que o que as nações centrais apresentam seria uma pseudoidentidade nacional. Hall quebra com a ideia de que existiria uma identidade unificada e estável, afirmando que as identidades, de modo geral, seriam marcadas pelo deslocamento, pela descentramento e pela diferença. As identidades são formadas através de processos, na maior parte, inconscientes que se apoiam nos discursos de representação, os quais fazem florescer um sentimento de nacionalidade. Diante disso, nenhuma nação estaria apta a divulgar uma identidade nacional inata, pois ela se constrói por meio de um longo e contínuo processo histórico, ou seja, não se constitui como um traço genético. Citando Hall:

A identidade plenamente unificada, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2001, p. 13)

Ademais, a maioria das nações, incluindo as nações ocidentais hegemônicas, seria formada por meio de processos impositivos, de modo que o território europeu registrou marcas de grupos sociais e étnicos bastante variados, sendo palco de invasões que se estenderam até mesmo por séculos. Os países europeus, assim como todas as

nações modernas, vivencia uma formação cultural compósita, pois, embora o projeto de unificação tentasse suprimir a diferença cultural, essa diferença impõe-se através de um inevitável processo de contaminação entre as culturas. Segundo Hall: “A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais.” (HALL, 2001, p. 62)

A teorização de Hall pode ser colocada em diálogo com o que foi discutido anteriormente sobre o além-mar e o porto, os quais, como zonas de contatos com o exterior e o interior, testemunharam infindáveis contatos humanos e flexibilizaram a formação das identidades das nações modernas. Na formação dos Estados, o além-mar adquire considerável representatividade, tendo em vista que, desde as aventuras náuticas do século XVI, o fluxo marítimo não mais cessou. Eduardo Lourenço, no livro *A nau de Ícaro*, ao considerar a importância do além-mar na formação da nação portuguesa, cria uma categoria conceitual que associa a identidade de Portugal com a figura do navio, denominada por ele como “navio-nação” (LOURENÇO, 2001, p. 65). A expressão alude simbolicamente à importância do deslocamento para a formação do território português e instiga um debate sobre a simbologia da nau e do além-mar para o processo identitário português.

Se o além-mar é sinônimo de aventuras, novidades, mudanças, o porto é lugar de pouso dos viajantes, de suas conquistas e de suas experiências vividas. O porto é o lugar da memória e da construção, em torno do qual se constroem casas e famílias, se formam cidades e se formam sociedades. Assim, o porto associa-se a um outro viés identitário que expressaria o que há de mais concreto e mais permanente, são as construções, os heróis, os símbolos, os monumentos, elementos que fundamentam a história de um povo. Assim, em consonância com o conceito de Lourenço, à metáfora do porto conjuga-se a categoria conceitual nação-monumento. Entretanto, ver-se-á que os conceitos navio-nação e nação-monumento agem conjuntamente na caracterização das identidades nacionais. O porto necessita do além-mar para se atualizar, se movimentar, alimentando-se das experiências dos viajantes.

Em uma nação como Portugal, é facilmente perceptível o traço nação-monumento, basta percorrer algumas regiões para sentir como sua história pode ser contada através de seus monumentos. A jangada de pedra, encalhada na costa portuguesa, pode ser referendada como um objeto-monumento, cuja formação sólida e grandiosa é capaz de perpetuar uma memória e uma história. Os monumentos estão intrincados no processo de identificação povo, nação e nacionalidade. Assim, o objeto-monumento deve falar por si mesmo e em nome de uma nação, o expansionismo marítimo, por exemplo, conserva sua memória entre os monumentos existentes em Portugal, dentre os quais se pode citar o Monumento aos Descobridores, também

denominado popularmente por Padrão dos Descobrimentos. Localizado em Lisboa, na histórica Santa Maria de Belém, às margens do Rio Tejo, o monumento exhibe uma imponente caravela de 50 metros de altura e conta a história de 33 figuras históricas.

A imagem da nau – ressalta-se aqui sua semelhança material com da jangada de pedra – aparece com frequência entre os símbolos nacionais portugueses, sua imagem perpetua um passado enraizado na alma portuguesa. Essas construções fazem parte de um trabalho de monumentalização da história de Portugal e dos portugueses, em que grandes monumentos são construídos para simbolizar e lembrar os grandiosos fatos heroicos da nação. A identidade nacional portuguesa apresenta-se fatalmente ligada a essas imagens monumentais, que encerram um passado glorioso e presentifica os heróis e os fatos históricos. Uma nação-monumento constrói tais símbolos para marcar o devir e para resistir aos desgastes que o tempo possa provocar na memória.

No caso português, em especial, a monumentalização mostra ser uma prática muito recorrente, uma demonstração, sobretudo, de saudosismo em relação a um momento histórico ímpar na vida dos portugueses, conforme revelado por Eduardo Lourenço em *Mitologia da Saudade*. A monumentalização está relacionada a um processo de enraizamento e fechamento das identidades nacionais, de modo que pode interferir no processo de deslocamento inibindo as trocas humanas. Voltando ao caso português, Lourenço lembra que os deslocamentos portugueses são acompanhados por narrativas tristes e melancólicas, mostrando o quanto o sujeito em trânsito ansiava pela volta, e mais, afirma que: “Na ordem simbólica, tudo se passa como se o português nunca tivesse emigrado.” (LOURENÇO, 2001, p. 48). Desse modo, o desejo do retorno e o saudosismo geraram uma forma de deslocamento incompleta, no sentido de que a mitologização do território e do passado português fez com que os portugueses não tivessem efetivamente partido.

Diante disso, a função do navio-nação, como uma categoria conceitual de práxis cultural, seria corrigir a não mobilidade do monumento e da monumentalização, visitar sua história e, se preciso for, desmontar sua estrutura e sua linguagem. Partindo dessas considerações, pode-se dizer que a história de identidade de um povo se faz pelos movimentos e pelos monumentos. A prática do deslocamento é o “sopro” que faz o porto, seus monumentos, suas gentes se movimentarem, de modo que a experiência da viagem impede que as coisas continuem no mesmo lugar. Em *A jangada de pedra*, a viagem peninsular resulta em um novo acontecimento insólito que surpreende a todos, a gravidez coletiva das mulheres férteis de toda a Península Ibérica, no momento em que o enorme barco se dirigia para o sul. Nesse instante, um poeta português elabora uma associação entre a Península e uma criança, tendo em vista que a explosão demográfica

renovaria a face dos territórios espanhol e português. Tal personificação é narrada nos seguintes termos:

Tendo isto acontecido, dizendo o tal português poeta que a península é uma criança que viajando se formou e agora se revolve no mar para nascer, como se estivesse no interior de um útero aquático, que motivos haveria para espantar-nos de que os humanos úteros das mulheres ocupassem, acaso as fecundou a grande pedra que desce para o sul, sabemos nós lá se são realmente filhas dos homens estas novas crianças, ou se é seu pai o gigantesco talha-mar que vai empurrando as ondas à sua frente, penetrando-as, águas murmurantes, o sopro e o suspiro dos ventos. (SARAMAGO, s/d, p. 306)

Comparar a península a uma criança gera um clima de expectativas por transformações e aponta igualmente para um processo ainda muito incipiente e imaturo que precisaria ser continuado e aprimorado, mas que claramente ganha vigor durante o deslocamento pelo Atlântico. O romance esboça a necessidade da saída, da movimentação (interna e externa, física e anímica) e da desmonumentalização para o aprimoramento das relações interpessoais e internacionais. Em outras palavras, a necessidade de uma conexão contínua e aberta entre o porto e o mundo. Quando se pensa na projeção internacional da viagem da Península Ibérica, podem ser inseridas questões que envolvem as relações internacionais entre Portugal e Espanha, em um âmbito menor, da Península Ibérica com a Europa, da Península Ibérica com os continentes africano e americano e, por fim, em um âmbito mais abrangente, da Europa com o mundo.

Qualquer proposta de revisão das políticas internacionais deve passar primeiramente pela abertura e flexibilização dos portos. Novamente, busca-se no porto seu valor metafórico para representar o portal de entrada das nações, a soleira que separa e protege o dentro do fora, o nacional do estrangeiro. Quanto mais monumentalizado, mais fechado estará às relações internacionais. Quanto mais deslocado, maior o trânsito de pessoas, maior o fluxo de importação e exportação, maior a zona de contato internacional.

Destacou-se anteriormente o porto como metáfora de permanência, de fixidez, de construção e de monumentalização, contudo, seu significado amplia-se quando associado às partidas e chegadas pelo além-mar, pois, assim como indica abrigo, refúgio, ancoradouro, indica também embarque e desembarque. Este último faz com que o porto seja movimentado, ganhe vida através dos trânsitos entre os viajantes e os remanescentes, entre pessoas locais e de outros países, propiciando mais que trocas de mercadorias, uma efervescente troca de experiências de vida, de bens culturais,

utilizando como veio comunicativo a própria língua e a língua do outro. Visto desse ângulo, o porto não para, dia e noite, pessoas chegando e saindo, mas sempre deixando um “sopro” de vida, que faz do porto um ambiente de experiências interculturais, mais dinâmico e flexível, e, por que não dizer, mais promissor.

Uma jangada, uma ilha

Três pilares dessa construção monumental são fatalmente atingidos: nação, nacionalidade e identidade, conceitos seculares que, para se moverem, basta um abalo na organização social, econômica e cultural dos países europeus. Saramago parece já dialogar com essa fragilidade em seu romance de 1986, ao sugerir um continente já em crise. Há uma crise entre Portugal/Espanha e Europa, uma crise de representatividade e participação desigual entre os países do continente e, fundamentalmente, uma crise potencial em relação à soberania europeia, que se corporifica em uma crise política, econômica e ideológica que coloca em debate o lugar e a imagem da Europa em relação ao mundo. Nesse sentido, esse romance de 1986 mostra sua validade e sua atualidade para tratar de questões políticas e culturais que, até hoje, são alvo de debates em torno das relações internacionais em pleno século XXI.

Dialoga com esse clima de presságios o tom profético da narrativa nas primeiras páginas do romance que precedem à separação da Península. Um mal-estar é descrito entre os habitantes quando todos os cães de Cerbère começam a ladrar, despertando sensações de “pânico e terror” (SARAMAGO, s/d, p. 7), tendo em vista que, de acordo com a sabedoria popular, tais sons caninos eram um presságio de que algo muito significativo sucederia e que tais cães eram incapacitados de ladrar. O narrador narra que os latidos frenéticos dos cães, antes, completamente mudos, ocorrem no momento em que Joana Carda risca o chão com a vara de negrilho e produz a fenda. Esse clima de expectativa é aumentado quando Joana comenta seu ato por meio de um conhecido ditado popular, que diz: “O que tem de ser, tem de ser, e tem muita força, não se pode resistir-lhe, mil vezes o ouvi à gente mais velha, Acredita na fatalidade, Acredito no que tem de ser.” (SARAMAGO, s/d, p. 8). Ou seja, lê-se o uso da sabedoria popular como um recurso expressivo para anunciar previamente que mudanças ocorreriam no território português – a fenda que o separa do continente – e, conseqüentemente, transformariam os rumos e o destino da nação e do próprio continente europeu.

O provérbio funciona como um índice em relação às transformações vindouras – inevitáveis e incontornáveis – após o início do movimento. Expressa, em linguagem popular, a sensação do sintoma, do mal-estar, que ronda espectralmente antes que um

evento de tal magnitude se apresente como uma realidade. Assim, perseguir-se-á a manifestação desse mal-estar para projetar discussões que já estão alinhavadas no romance de Saramago, mas que solicitam um diálogo com o que está fora, fora da obra e fora de seu tempo.

O deslocamento da Península Ibérica desfaz a condição concreta de Portugal como uma nação europeia e a transforma em uma grande ilha à deriva pelo Atlântico. Uma ilha que se move por conta própria, espontaneamente, sem a intervenção do governo ou de qualquer outra autoridade. Nesse novo contexto, Portugal e Espanha não despontam como donos de uma nova descoberta, mas como sujeitos de uma nova experiência que lhes põe à prova, portanto, causando-lhes uma sensação de desconforto e insegurança. A Península, ao aproximar-se do eixo sul paralisa sua movimentação por alguns instantes, como se se colocasse na condição de hóspede, daquele que vem de fora, age como se estivesse negociando sua chegada, situação esta que inverte a lógica imperial das antigas viagens.

Após essa paralisação momentânea, a península reinicia seu curso executando um movimento que surpreende a todos, começa a rodopiar em pleno oceano no sentido anti-horário, “a torcer-se sobre o eu próprio eixo” (SARAMAGO, s/d, p. 287). O movimento giratório da Península arrasta-se por um mês, período que transforma a rotina da vida das pessoas, interferindo, sobretudo, nas suas referências espaciais e temporais. *A jangada de pedra*, no entanto, mostra que os impactos da rotação peninsular geram transformações para além dos territórios português e espanhol, “como se o universo estivesse a ser reorganizado duma ponta à outra.” (SARAMAGO, s/d, p. 288).

É justamente após todos esses rodopios, que a Península Ibérica toma seu rumo final em direção ao sul, assumindo um percurso que, para Saramago, significaria uma “viagem ética” (SARAMAGO, 2010, p. 311). Simbolicamente, essa viagem significa a quebra da dicotomia norte-sul, que divide, marginaliza e subjuga os povos sulistas, como uma retratação, já que tal hierarquia resulta diretamente da herança colonial. O trecho abaixo narra o início dessa viagem ética dizendo que:

A península cai, sim, não há outra maneira de o dizer, mas para o sul, porque é assim que nós dividimos o planisfério, em alto e baixo, em superior e inferior, em branco e preto, figuradamente falando, ainda que devesse causar certo espanto não usarem os países abaixo do equador mapas ao contrário, que justiceiramente dessem do mundo a imagem complementar que falta. (SARAMAGO, s.d., p. 303)

Um último fator que precisa ser aprofundado diz respeito ao impacto do desligamento peninsular sobre a identidade europeia. Ao desligar-se do Velho Mundo, a

península ibérica ameaça a formação secular de um continente que se projetou para perpetuar como exemplo de e à humanidade. Essa mudança geográfica implica o entendimento de que profundas alterações políticas e culturais ocorreriam em todo o continente europeu, as quais representariam um perigo para os conceitos de identidade e nacionalidade, espalhados da Europa para o mundo. Saramago nos fala dessa ameaça identitária no excerto abaixo:

Este foi o dia assinalado em que a já distante Europa, segundo as últimas mediações conhecidas ia em cerca de duzentos quilómetros o afastamento, se viu sacudida, dos alicerces ao telhado, por uma convulsão de natureza psicológica e social que dramaticamente pôs em mortal perigo a sua identidade, negada, nesse decisivo momento, em seus fundamentos particulares e intrínsecos, as nacionalidades, tão laboriosamente formadas ao longo de séculos e séculos. (SARAMAGO, s.d., p. 151)

O trecho acima exprime a força e a magnitude do impacto sobre o edifício europeu que se vê sacudido dos alicerces ao telhado. É relevante lembrar que o afastamento peninsular atinge, com um corte contínuo de um lado ao outro, justamente a terra, o território e toda a simbologia construída em torno da relação homem-terra. Ao ferir o solo europeu, a Europa sente o golpe na alma, pois agredir o corpo territorial é como agredir o que há de mais basilar e essencial, já que o território simboliza o seu lugar onde estão suas referências, seus portos, seu lar. Portanto, nem mesmo uma construção secular com a Europa pode resistir a esse impacto “psicológico e social”, que a forçará a sair do lugar confortável e seguro em que comodamente se assentava.

Nessa nova viagem, a experiência colonial surge como reminiscência de um passado glorioso, mas igualmente compreendido como destrutivo. Assim, os navegantes não se deixam levar por instintos aventureiros e belicosos, mas expressam uma grande preocupação com a necessidade de entendimento com o Novo Mundo. Nesse sentido, o escritor português desenha novas rotas baseadas na mobilidade, na dinamicidade, na abertura, na sociabilidade. Saramago aponta essa necessidade de negociação em:

Deitam-se contas aos dias que faltam para chegar à vista das costas do Novo Mundo, estudam-se planos de acção para que a força negocial se exerça em pleno no momento mais adequado, nem cedo de mais, nem demasiado tarde, que é aliás a regra de ouro da arte diplomática” (SARAMAGO, s.d., 270-1)

A jangada de pedra cria muita expectativa em relação ao exercício de uma política pública mais voltada para o homem e suas necessidades que, naquele momento,

vive uma situação de insegurança total em que “falta de tudo” (SARAMAGO, s/d, p. 242). Enquanto, no plano individual, observa-se a insurgência de atos de solidariedade espontânea que se realiza em pequenos atos de entendimento, de partilha e de boa recepção, no plano da política externa, há consideráveis avanços e lamentáveis retrocessos em virtude dos jogos de interesses. Apesar do clima de negociação predominar, *A jangada de pedra* registra um despreparo dos países peninsulares europeus em dialogar com o mundo e mesmo entre si. O trecho indicado a seguir indica entre o clima de negociação a instauração de um estado de desconfiança e indisposição advindo da sobreposição de interesses e proveitos pessoais.

Graças a uma iniciativa do governo espanhol, vão ser estabelecidos contactos entre os dois países peninsulares para a definição de uma política concertada tendente a tirar o melhor partido possível da nova situação, mas em Madrid desconfia-se que o governo português irá para essas negociações com uma reserva mental, qual seja a de pretender, futuramente, extrair benefícios particulares da maior proximidade em que se achará às costas canadianas ou norte-americanas, depende. (SARAMAGO, s/d, p. 270)

A viagem da Península Ibérica não pretende criar para Portugal e Espanha a imagem de países com uma política internacional pronta para servir de modelo para o mundo, de modo que torna visíveis as incoerências e os desconcertos políticos. A Península Ibérica, na verdade, desponta nas páginas do romance como nações imaturas – “a península é uma criança” (SARAMAGO, s/d, p. 306) – e aprendizes da política da negociação. Uma política que poderíamos adjectivá-la como intercultural, dada a iniciativa ao trânsito e ao entendimento com os povos do ultramar. Lembrando que, desassistido dos interesses de grupos econômicos, esse deslocamento reforça seus passos em direção às práticas interculturais, que têm no poder econômico um opositor de peso.

Falar de interculturalismo a partir de uma obra de 1986 é como ler, nesse tempo histórico, uma fulguração, uma projeção de uma outra política cultural. No entanto, mesmo sob a forma de um relampejo, sua aparição provoca o (des)acomodamento, desalinha a ordem arregimentada; por instantes, movimentada a engrenagem das embarcações e dos homens parados e absortos no porto. Como integrante de um elo metonímico, quando uma parte se movimenta, mesmo pequena, todo o resto se movimenta junto, o conjunto então se refaz.

Santos recorre a uma interessante metáfora para pensar essas rupturas ligeiras no passado, que, segundo ele, são responsáveis por importantes desvios localizados no tempo presente:

O *clinamen* é o que faz com que os átomos deixem de parecer inertes e revelem um poder de inclinação, isto é, um poder de movimento espontâneo (Epicurus, 1926; Lucretius, 1950). Ao contrário do que acontece na ação revolucionária, a criatividade da *acção-com-clinamen* não assenta numa ruptura dramática, antes num ligeiro desvio, cujos efeitos cumulativos tornam possíveis as combinações complexas e criativas entre seres vivos e grupos sociais (tal como acontece entre os átomos, na apropriação que Lucrécio faz de Epicuro). (SANTOS, 2010, p. 90)

Ou seja, Santos afirma no efeito do “clinamen” seu potencial desestabilizador, seu poder inclinador de transformar a escrita da história, de “desviar o conformismo para a subversão” (SANTOS, 2010, p. 91). Precisa, no entanto, para ampliar e ajustar seu acervo e práticas culturais, renovar-se por movimentos contínuos, mesmo que vagarosos. Nesse sentido, comemoram-se como fomentadores do amadurecimento do pensamento intercultural pequenas ações, pequenos desvios, haja vista que mudanças na política cultural levam tempo para serem assimiladas e aplicadas. Fundamentando-se no princípio ativo do “clinamen”, elencamos a obra *A jangada de Pedra*, amadora ainda na arte da hospitalidade, para registrar instantes desestabilizadores, que vêm auxiliando no processo de sedimentação que, quiçá, permitirá o surgimento de novos tempos para as relações entre países e pessoas

Referências

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade**. Trad. Antonio Romane; Rev. Técnica Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SARAMAGO, José. **A jangada de pedra.** Rio de Janeiro: Editora Record, s.d..

_____. **As palavras de Saramago:** catálogo de reflexões pessoais, histórias e políticas. Fernando Gómez Aguilera (sel. e org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.